

Uma abordagem do conceito de filosofia na obra *O que é filosofia* de Gilles Deleuze e Felix Guattari

ELENILDA ALVES BRANDÃO *

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o conceito de filosofia na obra *O que é filosofia* de Gilles Deleuze e Félix Guattari, abordando a problemática enfatizada pelos referidos autores que, entre outras considerações, propõem um pensar sobre o conceito do conceito de filosofia. É uma abordagem de estudos de natureza bibliográfica, auxiliada pela obra em destaque, bem como, de outros autores que se propuseram fomentar a discussão em torno de tal questão. Nas páginas iniciais, buscou-se elucidar algumas características e peculiaridades do conceito de filosofia desenvolvido por filósofos, como a questão da colocação de problemas, como tarefa primordial da filosofia. Em seguimento, a criação do conceito e os personagens conceituais à luz do pensamento deleuzeano e guattariano são melhores elucidados, para que se observe a linha filosófica empreendida pelos autores. Nos seguimentos finais, embora não conclusivos, aprecia-se o diálogo com o conceito de filosofia, que aponta para a criação e a dinâmica das multiplicidades no campo do pensamento contemporâneo e, com isso, se inscreve como um diferencial na geografia da criação de conceitos e no modo de se pensar e fazer filosofia.

Palavras-chave: Conceito; Filosofia; Deleuze; Guattari.



* **ELENILDA ALVES BRANDÃO** é Graduada em Filosofia(UESC), mestranda em Educação (UEFS), Especialista em Didática e Prática de Ensino (UES), Especialista em Antropologia e Cultura Afrobrasileira, (UESB), Pós-Graduada em Filosofia Contemporânea (UESB) e professora de Filosofia da rede pública de ensino do estado da Bahia.

1. O conceito de filosofia com Deleuze e Guattari: a filosofia do conceito

Apenas se deveriam ler os livros que nos picam e que nos mordem. Se o livro que lemos não nos desperta como um murro no crânio, para que lê-lo?
Franz Kafka, 1998.



É pertinente afirmar a crescente associação e enfoque do pensamento deleuzeano e guattariano dentro e fora do cenário acadêmico, sejam em produções ligadas ao campo da filosofia, da literatura, do cinema e das artes. Ainda assim, se pode observar que há consonâncias e afirmativas quanto à compreensão da filosofia defendida por Deleuze e Guattari, bem como, uma infinidade de interpretações e até mesmo abordagens distorcidas e pouco fundamentadas. Isso torna essa questão um campo frutífero para impares possibilidades de estudos interpretativos e ou analógicos.

A questão que empreendemos aqui discutir não se trata apenas de buscar a compreensão da filosofia desenvolvida por Deleuze e Guattari na obra *O que é Filosofia*, que juntos escreveram por volta de 1980, mas considerar algumas interfaces deste conceito utilizado pelos autores que alimentaram muitas das suas discussões filosóficas. Por assim considerarmos, nos mobilizamos a pensar algumas questões: qual é o conceito de filosofia na referida obra de Guattari e Deleuze? Quais são algumas das características que fundam este conceito proposto por estes pensadores?

Salientamos que essa seja uma discussão pertinente para a viabilização do conhecimento do livro *O que é Filosofia*, bem como uma oportunidade

de aproximação das questões aqui levantadas, o que sem dúvida, contribui para outras aberturas e estudos sobre tal vertente em diversos campos do conhecimento humano. Sabemos ser esse um exercício que exige uma vasta exigência de leituras sobre essa e outras obras dos autores, por isso, desde então destacamos a contribuição de varreduras

bibliográficas em consonância com outros autores que empreenderam em seus estudos abordagens de configurações semelhantes.

As posições e sobreposições do conceito de Filosofia em todos os períodos da história do conhecimento humano é uma questão tangente. Paralelo a isso caminha a não unidade de concepções e pensamentos acerca da filosofia e sua definição. Por ser a filosofia essa ave voraz que não se deixa capturar ou aprisionar em potes prontos para o consumo. Na obra *O que é Filosofia* de Deleuze e Guattari (1997), escrita em dois capítulos distribuídos em pouco mais de duzentos e cinquenta páginas, trazem uma discussão autêntica onde se estabelece uma preocupação em propor um outro sentido para o conceito e consequentemente o próprio sentido da filosofia.

Nas linhas iniciais que abrem a escrita do livro, os autores apresentam a abordagem do conceito de Filosofia, cujo empreendimento, tomou boa parte de suas vidas e, já na velhice apontam a questão que circunda toda uma existência:

Tínhamos muita vontade de fazer filosofia, não nos perguntávamos o que ela era, salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido este ponto de não-estilo em que se pode

dizer enfim: mas o que é isso que fiz toda a minha vida? Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravessasse as eras... (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 2)

A busca por um conceito de algo que se fizeram durante muito tempo parece ser a questão central da obra *O que é Filosofia* e os autores apresentam a preocupação em definir os espaços que essa importante tarefa ocuparam em suas vidas, apontando para a construção que lhe serviriam como uma definição da filosofia, observam ao mesmo tempo em que mostram como esse fazer filosofia atravessaram as suas existências.

O livro foi produzido quando os filósofos já haviam percorrido uma caminhada no âmbito da filosofia e desenvolvido boa parte de seus trabalhos juntos. Antes, fizeram exatamente o caminho inverso: a experimentaram, a vivenciaram e quando já quase não podiam “desfrutaram de um momento de graça entre a vida e a morte” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 9), resolvem responder a questão: O que é a filosofia?

O contato com a presente obra nos faz perceber que uma elaboração cuidadosa e relevante escrita de forma argumentativa em torno de linhas que vão desde a preocupação de definir o conceito do conceito da filosofia até a relação entre Filosofia, Arte e Ciências, incrementa e sustenta a escrita do conceito de Filosofia, como uma atividade do próprio pensamento. Para Vasconcellos (2005, p. 310), num dos

seus artigos sobre a obra *O que é Filosofia* explicita: “O grande tema da filosofia de Gilles Deleuze é o pensamento.”

O exercício do pensamento e a possibilidade de novas formas de expressão do pensar percorrem toda a escrita do texto filosófico de Deleuze e Guattari. O mesmo autor ainda expressa: “Para equacionar teoricamente a perspectiva assumida para interpretar sua obra: trata-se do problema da imagem do pensamento (...) já que, para o filósofo, fazer história da filosofia é orientar-se no pensamento.” (VASCONCELOS, 2005, p. 331). Por assim dizer, tanto fazer filosofia quanto a sua própria história da filosofia, são atividades que estão atreladas ao pensar, logo a filosofia por estes moldes está estreitamente ligada à atividade cognoscível.

O tradutor da obra *O que é Filosofia*, Bento Prado Júnior (2006, p.2) assim o comenta: “O que este livro nos oferece é a compreensão do que há de vertiginoso na filosofia, mas também, e seguindo o mesmo movimento de pensamento, do que há de vertiginoso na ciência e na arte.” A Filosofia de Deleuze e Guattari, não se encontra na reflexão de conceitos historicamente instituídos pelo pensamento da representação. “Em várias das suas obras, Deleuze realiza uma crítica ao platonismo e à representação. O pensamento representacional é sempre segundo. Ele sempre se realiza sobre objetos e sujeitos criados, produzidos, naturalizados.” (MANGUERA; BOMFIM, 2014, p. 629). O filósofo busca a construção de novos conceitos empregados na possibilidade de apreensão e compreensão da filosofia, ultrapassando a ideia da representação e isso também implica em colocar a

grande arma que é o pensamento em ação.

Tomamos aqui o que afirma Deleuze; Guattari (1997, p. 25) “O pensamento não é arborescente, e o cérebro não é uma matéria enraizada nem ramificada.” Isto porque os autores não se inscrevem nas tradições idealistas que consideram o pensamento que propaga junto à ideia de árvore, segundo a tradição platônica, enraizado. Deleuze e Guattari ainda fazem alusão a essas representações idealistas platônicas quando explicitam “Com a filosofia, os gregos submetem a uma violência o amigo, que não está mais em relação com um outro, mas com uma Entidade, uma Objetividade, uma Essência. Amigo de Platão (...)” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 11). Neste sentido, os autores parecem abordar outros caminhos para o pensamento filosófico onde “Os paradigmas arborizados do cérebro dão lugar a figuras rizomáticas, sistemas, acentrados, redes de autômatos finitos, estados caóides.” (Idem, p. 25). O foco no pensamento em rizomas é mesmo crucial no que constitui o desenvolvimento do conceito de Filosofia.

Salientamos aqui o esforço dos filósofos em tentar definir como esse pensamento vem se constituindo, e quais véus veem retirado na intenção de tornar cada vez mais claro o modo como esse pensamento se produz, se articula e se renova. O pensamento destacado pelos filósofos abandona a condição arborescente impregnada na história da filosofia desde o seu surgimento. Ultrapassa a condição de que tudo sustenta, cria, para ocupar o lugar de figuras rizomáticas, descentralizadas, conectas. O pensamento parece aqui escapar da sua condição quase sempre totalizante e adquirir um caráter criador,

livre e inventivo, retratado na figura do rizoma:

Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 31).

Por assim dizer, o pensamento se entrelaça ao rizoma para tornar-se desestruturante e livre, isso é para ultrapassar os seus próprios limites e com isso negar a condição de conferência e a condenação de sempre obedecer a um *o que é*. Deleuze e Guattari empresta a figura rizomática ao pensamento para expulsá-lo definitivamente do terreno das representações e estendê-lo à dimensão das multiplicidades¹ e com isso torna-se uma espécie de forasteiro, sempre a construir-se. Deleuze inscreve o pensamento no terreno tomado pelo meio, movediço do vir a ser e, o deixa sem margens, início ou fim. O pensamento então rege a criação. Criar conceitos a partir da sua mais preciosa ocupação que é a atividade cognitiva.

¹ Multiplicidade aqui tomada como apresentada em Deleuze; Guattari (2000, p. 31) “Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear.”

Corroboramos assim com o que afirma Gallina (2004, p. 366) “A verdade dos escritos e mesmo do próprio pensamento está pressuposta na possibilidade da criação de conceitos filosóficos, ela é somente o que o pensamento cria, pois o pensamento é criação.” Por assentar-se no pensamento, a condição movente da criação se afirma, logo, a filosofia regida pelo pensamento é sobretudo, atividade incessante no movimento da criação.

Deleuze e Guattari ao assinalarem o pensamento como campo filosófico compreendendo assim o seu próprio conceito se reafirmam como criadores de uma nova visão filosófica que engloba novos enunciados e uma linguagem peculiar deleuziana e guattariana, inserida em alguns enunciados como: rizomáticos, desterritorializar, imanência, bifurcações. Os filósofos parecem tecer um plano que dispara a criação de conceitos no campo da filosofia, amparados por ressignificações de palavras, expressões e linguagens que tornam-se característicos dos seus próprios modos de se fazer filosofia. Por assim dizer, assim os filósofos apontam: “A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos [...]. Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 13).

2. O conceito para além do conceitual

A definição de filosofia que aparece nitidamente na obra *O que é filosofia* é a criadora incessante de conceitos. Mas que conceito é esse que atravessa toda a filosofia de Deleuze e Guattari e permeia a obra e o próprio conceito de filosofia desenvolvido por seus autores? O que deseja ser esse conceito? Como o mesmo se define? Passamos então a

tentar observar o que se pode considerar como conceito segundo Abbagnano (1998, p. 164):

Em geral, todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Assim entendido, esse termo tem significado generalíssimo e pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual, etc.

Ao considerarmos a definição do conceito presente no dicionário de filosofia, nos deparamos com a conferência de ideias sobre um ou vários objetos determinados apreendidos pela consciência. Nesta via, o conceito são formulações e prescrições embasados em definições estruturais e que buscam uma determinada correspondência entre o objeto e o seu significado correspondente. Neste sentido, conceituar é dizer o que esse objeto é, isto é, conferir, corresponder significações que lhe sejam pertinentes segundo os conhecimentos da humanidade.

O conceito apreciado por Deleuze e Guattari não se inscreve nestas determinações e não é uma tarefa fácil conectá-lo numa única definição. Por assim dizer, consideramos o que nos aponta Deleuze; Guattari (1997, p. 13)

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos (...). Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser

inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los.

Temos aqui alguns pontos a considerar sobre o conceito que é tomado por definição da filosofia deleuzeana e guattariana. O primeiro é que esses não se constituem como formas, logo, não é algo que se possa caracterizar radicalmente ou tomar em determinismos como sendo isso ou aquilo. Também não são achados ou produtos resultantes de experiências categorias de análises ou outros meios redundantes. Deleuze (1980, p. 4) “O conceito é o ato da criação.” Não aceita o *livro* como fonte unívoca. Amplitude sem limites é para onde caminha. Os conceitos por ora não aceitam pontos conclusivos, avançam em linhas de intensidades sempre em composição, como defende Zamara (2007, p. 65) “Com efeito, tais conceitos só podem ser considerados dentro do liame de conceitos criados por Deleuze e Guattari e da compreensão preliminar de que a filosofia é criação de conceitos.”

Encontramos, pois outras afirmativas que corroboram tais ideias assim postas: “O conceito é questão de articulação; é um complexo de componentes representados por um nome. Todo conceito remete a um problema e só se criam conceitos em função de problemas.” (LOURO, 2004, p. 2). O conceito está posto em conjunto povoado entre os outros componentes

que o circunda, não está isolado e o filósofo deve saber-se articulador desta hábil engrenagem que é a criação de conceitos.

Ser filósofo é também trabalho de papel, cola e tesoura: é preciso saber cortar, ligar, desconectar ideias nos conceitos para fazê-los responder aos problemas [...]. Conceituar é conectar componentes interiores até a saturação ou o fechamento, de tal modo que mudar suas conexões mudaria sua natureza.

Os conceitos são criações e por isso potências vivas que podem inventar e reinventar a vida sempre que o ato da criação solicitar. Desta forma, o filósofo toma lugar de artesão do pensamento, uma espécie de alquimista que sob as poses flutuantes do pensamento, articula o empreendimento de colocar os problemas. “É preciso então ter habilidade intencional de salientar e levantar problemas.” (LOURO, 2004, p. 3)

Entende-se, portanto, que um conceito nunca é criado do nada, mas, sim, de uma multiplicidade de situações; é, então, uma heterogênese. Nesse sentido, um conceito é um acontecimento que desperta interesse e substitui a noção de verdade, na qual passa a ser matéria de apropriação. (FREITAS; MENDES, 2004, p. 130)

Por assim dizer, o conceito não é algo que se possa tomar como forma ou verdade engessada e nem aparece ou desaparece quando melhor lhe convier. “Mas, mesmo na filosofia, não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas [...]”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 27). Por assim dizer, os problemas e os conceitos criados a partir destes, são planos constitutivos da filosofia deleuziana.

Corroboram com essas ideias Vasconcelos (2005, p. 1219)

Não há possibilidade de fazer filosofia, deleuzianamente falando, sem investirem um duplo campo: a constituição dos problemas e a criação dos conceitos que daí advém, como também, para pintar o retrato do filósofo, isto é, fazer história da filosofia, faz-se necessário revelar o problema e clarificar os conceitos.

Neste ponto, torna-se necessário esclarecer que as situações e problematizações acionam o conceito e não o seu contrário e disso depende tanto o fazer filosófico quanto a própria história da filosofia. O conceito é relevante, mas não absoluto. Não se pretende verdade, mesmo porque conta com a multiplicidade que o faz de brinquedo; podendo criá-lo e recriá-lo sempre que os problemas mudarem de lugar.

Dado a filosofia que se aloja no pensamento e que é, sobretudo, a criadora de conceitos e estes, por sua vez, sempre acionados por problemas, Deleuze e Guattari ainda contam com uma encruzilhada de problemas para que os conceitos se estabeleçam em coexistência. Assim afirmam: “Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 29). Isso reafirma a multiplicidade da qual a filosofia como conceito está inscrita e também o apelo de Nietzsche ao convidar os filósofos à não conformidade dos conceitos prontos e à abertura da criação. Veja pois a conferência de tal proposta:

O problema da filosofia é de adquirir uma consistência, sem perder o infinito no qual o

pensamento mergulha (o caos, deste ponto de vista, tem uma existência tanto mental como física). Dar consistência sem nada perder do infinito é muito diferente do problema da ciência, que procura dar referências ao caos, sob a condição de renunciar aos movimentos e velocidades infinitos, e de operar, desde início, uma limitação de velocidade [...]. (Idem, p. 52)

A filosofia se coloca no movimento do criar conceitos reivindicados por problemas ou conjunto desses, sem com isso, fechar-se ao infinito da criação. Desta forma, a consistência do conceito filosófico não aciona solidez ou exatidão, por vez, deixa-se prender pelo movimento ao mesmo tempo em que é operada por este.

A obra *O que é filosofia*, ainda destacam outras características ligadas conceito como os personagens conceituais, isso porquê, o conceito não é algo redundante e livre de correspondências a outros conceitos como já mencionamos. E quem são esses personagens conceituais? Quais as suas relevâncias no campo da criação dos conceitos? Deleuze e Guattari, assim destacam esses personagens: “Os personagens conceituais são pensadores, unicamente pensadores, e seus traços personalísticos se juntam estreitamente aos traços diagramáticos do pensamento e aos traços intensivos dos conceitos.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 91). Isso nos ajuda a pensar o conceito como algo que se encontra com o pensador. Não há nessa relação sujeito ou objeto, os conceitos e personagens conceituais que exprimem e pensam o próprio conceito. O personagem conceitual ocupa lugar no pensamento como o que favorece o movimento e a criação dos conceitos.

O personagem conceitual não tem a função de servir de exemplo, isto é, não exemplifica determinado conceito, mas mais especificamente faz o conceito funcionar nas relações de pensamento, porque é ele quem vive o acontecimento filosófico. Desse modo, o personagem conceitual da filosofia, por excelência, é o próprio filósofo: aquele que é amigo do conceito, aquele que cria e faz o conceito funcionar. (GALLAMO, 2008, p. 130)

Posto assim, o personagem conceitual é a figura do próprio filósofo quando engajado no conceito. É a potência de se pensar o conceito que caminha para a confluência entre o pensamento e o conceito pensado e o coloca em movimento. O personagem conceitual é o que faz o conceito descolar do papel o qual foi rabiscado e atinar os movimentos. O personagem conceitual dar fôlego ao conceito, o faz externar-se, brotar na superfície e dispô-lo nas configurações moveis. Isso porque, “O pensamento reivindica "somente" o movimento que pode ser levado ao infinito. O que o pensamento reivindica de direito, o que ele seleciona, é o movimento infinito ou o movimento do infinito.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 46).

O personagem conceitual ao se colocar entre e com os conceitos, o faz na intenção de validá-los na direção do devir. “O personagem conceitual é o devir ou o sujeito de uma filosofia [...]”. O devir é o caminhar dos conceitos, essa é a posição que o incrementa. Desta forma, o conceito mantém a intrínseca relação com o personagem conceitual. Podemos por assim dizer que são, pois, conectos no plano do movimento que é o pensamento da filosofia.

3. Finalizado: o conceito de filosofia, no caminho das reticências

Aquele que se sabe profundo esforça-se por ser claro; aquele que gostaria de parecer profundo à multidão esforça-se por ser obscuro. Porque a multidão acredita ser profundo tudo aquilo que não pode ver o fundo.
Nietzsche, 1977

Nos escritos de Huchet (2004, p. 106), ao falar da filosofia de Deleuze e Guattari, diz que “[...] se trata de uma geóética, de uma ética não calcada na origem, mas num devir do mundo cujo desabrochar inventa o próprio mundo a cada momento [...]”. Aqui percebemos como esses filósofos dinamizam as palavras e os conceitos já existentes com a intenção de buscar uma sustentação ampliada do modo de se compreender a Filosofia – Geoética – uma junção de uma geografia que se ampara na ética, onde se possibilita a compreensão de que o conceito de Filosofia mais geral se encontra inserido nas amplitudes de uma ética humanizada.

O autor Costa (2010, p. 2) vai destacar: “Sobre este plano geológico imanente, os conceitos traçam sua geografia, canalizando as velocidades infinitas a que estão submetidos.” Busca então instaurar o dinamismo que a atividade filosófica desenvolvida por Deleuze e Guattari se propõe, além disso, o mesmo autor ainda destaca: “Os conceitos, portanto, assentam-se numa terra que a todo o momento incita à migração, que pelo seu movimento geológico intensivo, faz da geografia conceitual uma aventura errante e igualmente nômade.” (COSTA, 2010, p. 3). Neste ponto, e buscando explorar a característica nômade e dinâmica da filosofia deleuzeana e guattariana arriscamos um retorno ao pensamento

da filosofia nascente, mais especificamente com Heráclito (535 a. C., apud, Chauí, 2006, p. 26) “Tudo flui”. Corroborando o pensamento filosófico numa fonte inesgotável de devires.

Essas rasas afirmações destacadas por nós apenas confirmam que o conceito de Filosofia desenvolvido por Deleuze e Guattari deve ser objeto de retomadas de estudos e novas discussões, isso porque mesmo se pretendêssemos esgotá-lo, jamais daríamos conta de aqui desenvolver um estudo completo sobre este.

Retomando a questão do conceito, sugerimos a partir dos próprios enunciados de Deleuze que: “(...) é a ligação de uma região à outra. E essa ligação é uma operação indispensável, perpétua, o mundo como uma manta de retalho.” (DELEUZE, 1991)². Neste sentido é necessário destacar que o conceito não está solto, desconectado da vida, ao contrário, mistura-se a ela e aos problemas e assume uma dinâmica de uma geóetica que se amplia e se torna a conectar com outras vias de produção e sentidos. Os conceitos parecem ser assim a própria de dinâmica da vida que necessita sempre ser recriada.

Os filósofos Deleuze e Guattari (1997, p. 57) ainda destacam: “De qualquer maneira, a filosofia se coloca como pré-filosófica, ou mesmo não-filosófica, a potência de um Uno-Todo como um deserto movente que os conceitos vêm a povoar.” É nessa geografia desértica que a filosofia vem ocupar com os seus conceitos entrelaces e conexões numa afirmativa que se desloca e se desfaz sempre e continuamente. A filosofia

desenvolvida por esses filósofos parece negar o caminho da unidade ontologia perseguida no decorrer da história da filosofia e se estabelece como a negação das essenciais e formulações prontas.

Outra vertente que buscamos considerar, se engendra nas perspectivas de compreensão assumidas pela tradição filosófica acerca do que seria a atividade do filósofo, o que a princípio, poderia caracterizar a atividade filosófica, no entanto, isso não é uma tarefa simples, pois, os esforços tentados pelos filósofos mediante a sua prática filosófica não se faz afastado da sua própria forma de filosofar.

O pensar filosófico e o fazer filosofia na compreensão de Deleuze e Guattari não tem ponto de partida estabelecido, pois se configura no movimento-fluxo do próprio pensamento. Diante dessa questão que denota inquietações de quem deseja enveredar no campo filosófico, os referidos autores assim se colocam: Deleuze; Guattari (1997, p. 15) “A filosofia não contempla, não reflete, não comunica, se bem que ela tenha de criar conceitos para estas ações ou paixões.”

Os filósofos expuseram desde início da obra *O que é Filosofia*, como já aqui mencionamos, a preocupação em conceituar o que fizeram e viveram Durante quase todas as suas vidas: a filosofia. Experimentaram deslizar por entre as suas linhas, inventivas e se colocaram na direção da criação dos conceitos para os mais diferentes campos e problemas dispondo assim da arma potente e criativa que é o pensamento. Ao invés de contemplação e reflexão, criação. Percebemos que os Deleuze e Guattari empurra a Filosofia a um passo além da atividade pura e simples da reflexão e contemplação. Dispõem a criação de conceitos atrelada à colocação de problemas.

² Entrevista do filósofo à Carlos Enrique Escobar em 1991. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_Wer1VG BZi8>, consultado em março de 2016.

Por assim dizer, vê-se que a vida dos autores/filósofos ocupadas pela Filosofia os rendeu experimentações, conceituações e a condição de se pensar o que se fez e faz como se fez numa conjuntura sem tempos nos espaços da existência e as problematizações inseridas nestes. Sendo assim, *O que é Filosofia*, também é uma criação viva que explicita os modos como que os autores conciliaram e conectam suas vidas ao filosofar e esse às questões da vida.

Neste ínterim, destaca-se a importância do conceito na Filosofia que para os autores/filósofos é tão relevante: “O batismo do conceito solicita um gosto propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação, e que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 16). Por ora, vemos que o conceito trabalhado pelos autores foge às evidências corriqueiras do dito pelo dito e pronto. A superficialidade da classificação da Filosofia é abandonada definitivamente e o trato filosófico da questão é tomada numa extensão que extrapola os limites da linguagem amparados nos personagens conceituais que ajudam a potencializar a atividade da criação dos conceitos que é a própria filosofia.

A filosofia conceituada como o ato de criar conceitos vai além de afirmativas utilizadas por muitos ao se referirem às ideias dos filósofos Deleuze e Guattari. Essa responsabilidade é recorrente à concepção de clareza da invenção, que toma o pensamento como arma prioritária como forma de solucionar os problemas colocados. A filosofia como criadora de conceitos envereda os infinitos atalhos que a possibilita criar, inventar e afirmar-se no plano de

imanência que é o cenário produtivo da Filosofia. Os autores ainda argumentam: Deleuze; Guattari (1997, p. 73)

Ora, apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, e todavia são submetidos a exigências de renovação, de substituição, de mutação, que dão a filosofia uma história e também uma geografia agitadas, das quais cada momento, cada lugar, se conservam, mas no tempo, e passam, mas fora do tempo.

Colocamos-nos então no caminho das reticências por considerar essa discussão inesgotável pois, verificamos que ao nos aproximamos do conceito de filosofia construído pelos referidos autores, percebemos que este é como uma obra de arte em constante (re) construção. Irredutível ao tempo cronológico e à linguagem corriqueira. Sensível aos afetos e perceptos, num plano de imanência que não cessa de inspirar-se nas teias da vida. Como colocou Vasconcelos (2005, p. 1225) “A Filosofia de Deleuze é a da vida” e, confirmamos ser essa a melhor expressão relacionada à questão aqui exposta. Arriscamos ainda afirmar que o devir é o canal favorável onde se ampara essa e outras pesquisas, escritos, filmes, poemas que se enveredam pela filosofia da criação de conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Pensamento sem imagem
Anarquia mental
Libertação total
De paradigmas territoriais
Palavras textos obras
Falando por si só
A estética do nonsense
Para dar significado
Para aquilo que nos amarra
Que aprisiona nossas
singularidades

Nasce um poema deleuzeano
Longe do lugar-comum
Pois a criação uma nova
possibilidade
De vida não fascista
Sem rótulos
Sem marcas
Sem estéticas corrompidas
O imprevisível
O intempestivo
Surgindo para engendrar
Uma beleza que não esteja
Subjugada ao poder
Milhões de incertezas brotando
Para fazer a diferença das
diferenças
Luta filosófica ferrenha
Entre palavras e sentidos
Eis um poema deleuzeano...
Tânia Marques, 2009

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: ed. Ática, 2006.
- COSTA, Luciano Bedin da. *O Ritorno em Deleuze – Guattari e as três éticas possíveis*. Porto Alegre: Sullina, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *O que é filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- ESCOBAR, Enrique, *Entrevista ao filósofo Deleuze maio de 1991*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Wer1VG BZi8>>, consultado em março de 2016.
- FREITAS, Maria Célia de; MENDES, Maria Manoela Rino. *A dimensão do conceito em Deleuze na enfermagem*. Revista. Latino-am Enfermagem, v.1, n. 12, p. 128-133, jan-fev, 2004.
- GALLINA, Simone. *O ensino da filosofia e a criação de conceitos*. Cad. Cedes, Campinas, v. 24, n.64, p. 359-371, set./dez. 2004.
- GELAMO, Rodrigo Pelloso. *A imanência como “lugar” do ensino de filosofia*. Universidade Estadual Paulista. Educação e Pesquisa, São Paulo, n. 1, v.34, p. 127-137, jan./abr. 2008.
- HUCHET, Stéphane. *Meta-estética e ética francesa do sentido* (Derrida, Deleuze, Serres, Nancy). Kriterion, Belo Horizonte, n. 110, v. 45, 2004.
- LOURO, Rafael. *Deleuze o que é Filosofia*. Publicado em: 12-11-2014. Disponível em: <<http://razaoinadequada.com/2014/11/12/deleuze-o-que-e-filosofia>> consultado em maio-junho/2014.
- MANGUEIRA, Maurício; BOMFIM, Eduardo Maurício da Silva Bonfim. *O legado de Nietzsche na filosofia de Deleuze*. Kriterion, Belo Horizonte, n. 130, p. 619~635, Dez./2014.
- NIETZSCHE, Frederich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza, 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SANTOS, Zamara Araújo dos. *A geofilosofia de Deleuze e Guattari*. Aprender – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista. n.7 p. 221-226, 2008.
- VASCONCELOS Jorge. *A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia*. Campinas Revista Educação & Sociedade. Campinas, v. 26, n. 93, p. 1217-1227, set. –dez. 2005.
- ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.

Recebido em 2016-10-24
Publicado em 2017-08-04